

UM DIÁLOGO PENSAnte COM A POESIA: BUSCANDO CONSTRUIR PRÁTICAS DE CONHECIMENTO

A THOUGHTFUL DIALOGUE WITH POETRY: SEEKING TO BUILD KNOWLEDGE PRACTICES

Vitoria Helena Cunha Espósito¹

Maristela Ross de Castro Gasonato²

Resumo: Este trabalho busca a construção de práticas de conhecimento para além daquelas que trazem suas raízes no paradigma epistemológico da ciência moderna. Para tanto, intenta provocar o diálogo entre saberes - a filosofia e a poesia. Considera que o conhecimento pode se dar num movimento transicional, engendrando um círculo compreensivo/interpretativo de natureza fenomenológico-hermenêutica. Apresenta ainda um exercício pedagógico, como parte de uma trajetória metodológica, que se propõe a traduzir-se como prática de conhecimento.

Palavras-chave: Práticas de Conhecimento; Diálogo entre Saberes; Trajetória Pedagógico-Metodológica; Fenomenologia; Hermenêutica.

Abstract: This article presents practices of knowledge building in addition to those that are rooted in the epistemological paradigm of modern science. In that purpose, it attempts to promote the dialogue between two sectors of knowledge – philosophy and poetry. It considers that knowledge may realize itself according to a transitional movement, creating a phenomenological-hermeneutic cycle of comprehensions and interpretations. It also presents an educational exercise, as part of a methodological trajectory, which intends to translate itself as knowledge practice.

Keywords: Knowledge Practices; Dialogue between Sectors of Knowledge; Pedagogical/Methodological Trajectory; Phenomenology; Hermeneutics.

1 Um diálogo pensante com a poesia: buscando construir práticas de conhecimento³

Este trabalho busca alternativas para a construção de práticas de conhecimento para além daquelas que trazem suas raízes no paradigma epistemológico da ciência moderna. Para tanto, intenta provocar o diálogo entre saberes – a filosofia e a poesia,

¹ Mestre e Doutora em Educação: Supervisão e Currículo pela PUC-SP/Brasil. Professora Titular da Faculdade de Educação da PUC-SP; Coordenadora Adjunta da Cátedra Interinstitucional Joel Martins (FASM/UNIFESP/ UFSCar/ PUC-SP). Fundadora e Presidente da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa (1999/2001). Membro da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail:vitoriaesposito@hotmail.com.

² Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP. Professora do PARFOR/PUC-SP/Brasil; Membro da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana e da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: maristelagasonato@gmail.com

³ Este texto foi apresentado como comunicação oral no VI Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: etnomotricidades do sul, realizado na Universidad Austral de Chile, Valdivia (Chile), em 6 de novembro de 2015.

contrariando a hierarquia tradicionalmente admitida da razão, invertendo a superioridade do racional sobre o imaginário. Considera ainda que, sob a influência de Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, o conhecimento pode se dar num movimento contínuo que vai e vem, da poesia para a filosofia e da filosofia para a poesia. Esse movimento gera um círculo compreensivo/interpretativo que se torna possível, pois a poesia provém da imaginação e o pensamento filosófico tradicional da razão (NUNES, 2000).

Nessa perspectiva, ao reconhecer a diversidade epistemológica do mundo, este trabalho situa-se no horizonte de uma ecologia de saberes, e assim pretende nos possibilitar *visão mais abrangente daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos*, e [...] *nos previne de que aquilo que não sabemos é ignorância nossa [e] não ignorância em geral* (SANTOS, 2010b, p. 66).

Considera ainda as contribuições que nos traz a ciência da motricidade humana (SERGIO, 2008), que propõe o *corpo em acto*, isto é, corpo a ser lido como um texto, já que traz uma significação e um sentido; corpo em ação e movimento que, pela intervenção concreta na natureza e no mundo, possibilita que o homem se humanize; corpo que se materializa no movimento intencional de transcendência ou de superação do *status quo*. Nessa linha de pensamento situa-se a motricidade mais profunda, a linguagem, considerada por Heidegger (2003) como a “morada do ser”.

A expressão “morada do ser” significa que a linguagem é a casa que originalmente recolhe passivamente aquele a quem abriga (o ser humano), e assim, ao abrigá-lo, lhe permite a possibilidade de erigir seu próprio discurso (*die Rede*). Discurso que é um termo traduzido do alemão também como fala: uma inteligibilidade que se articula na interioridade do ser e que solicita comunicar-se ao outro, que encontrará na linguagem o *meio efetivo* de trazer à luz e desvelar a essência do Ser e o ser do Homem. Assim, esse movimento deixa ver *o jogo mais profundo, o vaivém lúdico, o lugar polissêmico entre a palavra e as coisas, uma relação dialética entre aparência e realidade* (CARMO JUNIOR, 2011).

Na produção do diálogo pensante entre aquele que lê ou ouve e o dito na poesia, buscou-se como referencial compreensivo/interpretativo a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. Para o diálogo considerou-se que a poesia nos oferece o discurso, a fala interior e silenciosa que, como *jogo mais profundo*, se articula na interioridade do ser e se doa a outrem em forma de linguagem poética.

Algumas questões aqui se colocam: Em que consiste essa “dialogação”? Quais os locutores desse diálogo e como ele é possível? Considera Heidegger (2003) que o diálogo

do pensamento com a poesia é possível e até necessário, porque ambos (pensamento e poesia) encontram-se numa relação privilegiada – não obstante distinta – com a linguagem, quando a *conversa do pensamento com a poesia busca evocar a essência da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem*.

E ainda é Heidegger que nos traz (2003, p. 29):

Não se trata de apresentar a visão de mundo característica de um poeta e nem de revistar a sua oficina. Fazer uma colocação *a partir da poesia* não pode substituir e muito menos orientar a escuta dos poemas. A *colocação de pensamento* pode, no máximo, elevar a escuta à dignidade de uma questão e, no melhor dos casos, a algo para se pensar ainda mais o sentido (destaques nossos).

Neste trabalho, o diálogo orientou-se pela questão do ser tal como se mostra nas duas fases da obra do filósofo. A complexidade dessa obra e o reconhecimento de nossa facticidade em apreendê-la na sua totalidade nos inquietaram, levando-nos a traçar um panorama de fundo a partir do qual estabelecemos um diálogo pensante com a poesia.

2 Um panorama de fundo

Um primeiro olhar a partir do nosso cotidiano e sem maiores questionamentos nos mostra que vivemos uma realidade já interpretada, subjetivamente legitimada, em que predomina o excesso de racionalidade. Nela, vemos ainda que a população a ser educada tem sido continuamente submetida – dentro e fora da sala de aula – a uma visão de sociedade racional, técnica, massificadora e consumista cada vez maior (MARTINS, 1992).

Enquanto educadores, nesta linha de preocupação consideramos importante destacar a colonização cognitiva e cultural forjada histórica e culturalmente que, de forma pouco perceptível, acha-se subjacente ao pensamento moderno ocidental (SANTOS, 2008). Imersos no rescaldo cultural de uma sociedade marcada pelo paradigma iluminista/positivista vemos que estruturas de pensamentos têm sido reproduzidas; assim, tendo por base principalmente os métodos indutivo e lógico dedutivo – conforme nos detalha Merleau-Ponty na sua obra *Fenomenologia da percepção* (2006) –, observamos que, na sociedade ocidental, não só o modo de organizar o pensamento tem sido ordenado, mas a própria organização do conhecimento sofre também essa influência. Dessa forma tem-se perpetuado uma determinada ordenação do pensamento que estabelece uma estrutura ao pensar. Esta estrutura, ao ser continuamente reafirmada, passa a ser constitutiva não apenas ao se fazer ciência, mas se torna constitutiva às relações

político/sócio/culturais que, de forma acrítica, passam a ser reproduzidas, tornando-se hegemônicas na sociedade.

Portanto, o pensamento positivista forjado historicamente na sociedade ocidental tem influenciado a organização do pensamento e do conhecimento, conseqüentemente afetando a forma como se produz linguagem para dele dizer. Nessa perspectiva, uma visão consensual é forjada e se operacionaliza em teoria, a qual serve como base para a construção de um determinado sistema social, validando-se conceitos que terminam por gerar um comprometimento com o *status quo*, que se limita a desenvolver uma restritiva capacidade crítica. Nesse movimento se produz um discurso (*die Rede*) *vai e vem lúdico*, em que a fala autêntica, mais profunda, se articula. Destacamos aqui que esse discurso (fala), ao expressar-se, o faz pela linguagem, *que é mesma fala quando pronunciada, exteriorizada, que já cai dentro de um sistema ou de um código semiótico, o da linguagem como língua (die Sprache)*, conforme Nunes (2000).

Observe-se que a estrutura de pensamento nascente encontra-se *sempre num determinado modo de convivência ocupacional*, e dessa forma podemos falar de uma inteligibilidade própria a cada povo, cultura e sociedade. Há que se considerar ainda que o ser humano acha-se situado no mundo vivenciando um estado de imersão nas coisas que lhe são comuns. Nesse estado de aderência ao mundo ele vive de forma ingênua, em estado de fascinação, alienado de si e do mundo ao redor, e assim as relações são vividas sem que haja o distanciamento necessário para que se mostrem diferentes formas e possibilidades de dizer dessa realidade que lhe parece única e verdadeira.

O ser humano desenvolve então um comprometimento com o *status quo* e uma restritiva capacidade crítica. Romper como esse *status quo*, de aderência ao mundo, exige uma compreensão diferente de si mesmo, do outro e do mundo, assim como do espaço e tempo objetivo (cronológico) em que se vê inserido, rompendo com esse distanciamento alienante. Alienante, pois inexistente.

No entanto, nesse reconhecimento abre-se um horizonte, frente ao qual se faz necessário manter-se em estado de alerta, dispondo-se a interrogar. Interrogar não só a si mesmo, mas ao outro, ao mundo e então refletir não só sobre suas condições naturais e sociais, mas sobre aquelas que são humanas e existenciais, e que também regem sua vida.

No mundo contemporâneo é necessário lembrar que o aparelho conceitual metafísico tem, há séculos, concebido o sentido do ser como simples-presença, com objetividade, como aquilo que é simplesmente dado, pois as coisas estão para o ser humano como simples instrumentos, e a verdadeira realidade das coisas é vista como a

que se apreende de forma desinteressada, objetiva, metódica. A viragem que se coloca traz uma dificuldade para aqueles que se aventuram em romper com uma linguagem cuja sintaxe e semântica se fazem herdeiras da tradição e de suas categorias metafísicas ocidentais. Nessa perspectiva, defendida por Heidegger, o mundo é um “existencial”, e nele as coisas se apresentam com um certo significado próprio relativamente à nossa vida e aos nossos fins, trazendo para o debate os modos específicos do ser, chamados *existenciais* humanos, como os estados de ânimo, a compreensão, a interpretação e a fala, e que explicita ainda o “partilhar com”, entre outros fatores.

A linguagem assim compreendida, como o pronunciamento de um “discurso, a fala autêntica do ser”, traz uma dificuldade, que é passar do plano das ideias, da filosofia, para o fenômeno da existência. Anuncia-se assim a questão fundamental em Heidegger (VATTIMO, 1996 apud GAI; FERRAZ, 2003): *como utilizar a linguagem com suas categorias metafísicas, para falar e dizer do ser de um modo que não seja metafísico, ou seja, dizer de algo que se dá em um outro plano que não apenas o representacional?*

Visando encontrar modos de superar o dizer representacional que se acha já colonizado, Heidegger analisa inicialmente, em *Ser e Tempo* (1988), a etimologia de termos que se fizeram essenciais na tradição e procura (des)naturalizá-los, retirando-os da repetição do discurso *da gente*, da conversa sem significado (parolagem), para romper com a segurança que o termo adquire pelo seu uso na comunicação, encobrendo modos de dizer do ser. Depois desse movimento, numa segunda fase, em seu intento o autor utiliza em especial a poesia, que considera ter como matéria a *linguagem que guarda ela mesma a essência original da Poesia, a instauração da verdade, a (des)ocultação, obra que se faz sobretudo pelas mãos dos artesãos das palavras: os poetas*. A dialogação com a poesia consiste na doação aos outros da fala original e no horizonte em que se estabelece a dialogação entre o pensador que lê a poesia e o poema que a ele se doa na obra poética (NUNES, 2000).

Mas como (re)significar a linguagem de forma a identificar e romper com a visão tradicional racional, técnica, massificadora e consumista que predomina na sociedade contemporânea? Como capturar e ressignificar as diferentes dimensões do pensamento nos textos poéticos? Responder a essas questões se coloca como nosso intento.

3 O texto poético

[...] quando falamos das asserções poéticas, observamos que estas diferem daquelas utilizadas na literatura. As asserções poéticas trabalham por si mesmas como palavras poéticas. A fala do poeta, na poesia, envolve uma dissolução completa do sentido das palavras do cotidiano, assim como dos seus modos de expressão. O poeta sente-se tomado no seu modo íntimo e na sua vida externa pelo tom puro das suas sensações originais e olha para seu ao redor-no-mundo como se este fosse tão novo que lhe é desconhecido (HEIDDEGGER, M. Poetry, Language, Thought. In MARTINS: 1992, p. 89).

Da trajetória percorrida muito há a ser dito. No entanto, para os fins deste relato, se fez necessário estabelecer um recorte demarcando o horizonte, a partir do qual os pesquisadores se colocaram à disposição para provocar tal diálogo. Para tanto, trazemos a poesia de Tatiana Belinky (2008), aqui apresentada a partir do estudo de um de seus limeriques.

Mas o que são limeriques? Limeriques são poemas curtos, geralmente sobre coisas ou situações engraçadas. Eles têm sempre cinco versos, onde a primeira, a segunda e a quinta linhas terminam com a mesma rima. O terceiro e o quarto verso rimam entre si, seguindo o esquema AABBA (A=1ª, 2ª, 5ª e B= 3ª, 4ª). Exemplo:

Com forte estrondo, um grande galho(A)
Partiu-se no velho carvalho.(A)
Efeito do aflito (B)
Obeso mosquito(B)
Que se aboletou nesse galho! (A)

A escolha desse limerique justifica-se porque, sem necessidade de maiores explicações, mostrou-se apropriado para o que aqui buscamos trabalhar: o diálogo pensante com a poesia, destacando que o caráter transacional do diálogo encontraria na pesquisa qualitativa de natureza hermenêutica-fenomenológica uma metodologia adequada para o que se colocou como nosso objetivo: a produção de práticas de conhecimento para além daquelas que trazem suas raízes no paradigma epistemológico da ciência moderna, o que nos solicitou provocar o diálogo entre saberes.

Pesquisa hermenêutica porque, como destaca Sérgio (2008), *o corpo em acto, o qual deverá ser lido como um texto que tem uma significação e um sentido*; fenomenológica porque o poema doa-se como um discurso (*die Rede*), a fala original, a inteligibilidade nascente. Observe-se aqui que os pesquisadores preocuparam-se em não delimitar um caminho fixo a ser trilhado tendo como objeto de estudos fatos mensuráveis, objetivamente dados, mas atentos aos fenômenos, isto é, “aquilo que se mostra e se oculta

no movimento”, expressão que não faria sentido comparada a um ver algo de forma objetiva próprio à metodologia das ciências da natureza. Ainda com Heidegger (2003, p. 28) considerou-se que:

A poesia de um poeta está sempre impronunciada. Nenhum poema isolado e nem mesmo o conjunto de seus poemas diz tudo. Cada poema fala, no entanto, a partir da totalidade dessa única poesia, dizendo-a sempre a cada vez. Do lugar da poesia emerge a onda que a cada vez movimenta o dizer como uma saga poética. Longe de abandonar o lugar da poesia, a onda que emerge permite que toda a movimentação do dizer seja reconduzida para a origem sempre mais velada. Como fonte da onda em movimento, o lugar da poesia abriga a essência velada do que a representação estética e metafísica apreende de imediato como ritmo.

4. Tratamento do texto poético⁴: descrição e redução fenomenológica. Análise conceitual e a explicitação de sentidos (hermenêutica)

Conforme especificado acima, nesta parte trabalhamos um poema de Tatiana Belinky e buscamos um modo de interação com essa obra, produzindo com ela um diálogo para, nesse movimento transacional, encará-la de maneira pedagógica visando produzir conhecimento.

Para isso utilizamos dois instrumentos da pesquisa qualitativa fenomenológica: a descrição ingênua, que na poesia se mostra como a sua fala poética, e a redução fenomenológica, pela qual destacamos no texto poético da autora aquilo que nos pareceu significativo e a que denominamos unidades de significado, tendo o cuidado de colocar em suspensão, tanto quanto possível, nossos preconceitos e pressuposições. Na sequência trabalhamos a hermenêutica em níveis de análise conceitual e explicitação de sentidos, para então apresentarmos nossa compreensão e interpretação, não especificamente do texto em si, mas nos colocando como simples leitores perante o texto poético e interrogando a nós mesmos, buscando lançar luzes sobre aquilo que já está aberto: a compreensão do ser-no-mundo-com-o-outro, que todos somos, ou, como diria Merleau-Ponty, um ser que é carne e que habita a carne do mundo. Essa disposição acha-se marcada pelo cuidado em não adotar modelos investigativos tradicionais, pelos quais se costuma pautar o relacionamento dessas instâncias.

Para dizer do fazer hermenêutico apresentamos abaixo um quadro no qual trazemos a sequência dos procedimentos trabalhados. Destacamos que:

⁴ Para esta inserção apresentamos um recorte do trabalho de Iniciação Científica desenvolvido por Sara dos Santos em 2013, o qual foi devidamente reelaborado pelas autoras para esta apresentação.

Na análise conceitual, procurou-se resgatar o lado público do enunciado. Este nível de análise se apoia numa das propriedades mais notáveis da linguagem (forma de expressar um discurso), que é conservar culturalmente as expressões mais sutis e apropriadas às circunstâncias humanas. Nessa fase, foi de extrema valia a consulta ao léxico, ao dicionário etimológico e ao simbólico (ESPÓSITO, 1999, p.78).

O texto poético acha-se em *Limeriques das causas e efeitos* (BELINKY, 2008); destacamos que nesses limeriques há sempre uma consequência para um ato realizado por um sujeito ou sujeitos, e observamos que o livro inicia-se com uma proposta ao leitor ou leitora:

“Vamos fazer uma pausa
 Para pensarmos direito:
 Não há efeito sem causa,
 Nem há causa sem efeito.
 Então, lá vai:”

Na coluna referente à explicitação de sentidos, na análise conceitual, trazemos os sentidos públicos das palavras pesquisadas, considerando o significado encontrado por nós no léxico.

Trechos com destaque às unidades de significado	Análise conceitual: explicitação de sentidos
Com forte estrondo , um grande galho	ESTRONDO: Som forte que estruge; estampido, fragor, estrépito. Em sentido figurado: Ostentação, pompa tumulto, clamor.
Partiu-se no velho carvalho .	CARVALHO: Simbologia: Muitas tradições em todo o Mundo consideram o carvalho como uma árvore sagrada devido à sua robustez e majestuosidade. Considerava-se que havia uma forte relação de poder com os céus pelo fato de os carvalhos atraírem os raios e, por esse motivo, controlarem os trovões e as tempestades. Estas árvores estavam assim em contato com as divindades e representavam-nas de alguma forma na Terra. Símbolo de força moral e física, como o atesta a sua expressão em latim, <i>robur</i> , o mesmo termo utilizado para robustez e força, o carvalho representa a árvore por excelência e, através dela, o centro ou o eixo do Mundo.
Efeito do aflito	AFLITO: do latim <i>afflictus</i> , -a, -um, abatido, desesperado; que revela ou denota ansiedade, preocupação; angustiado, ansioso.
Obeso mosquito	OBESO: do latim <i>obesus</i> , gordo. Provém de <i>Obedere</i> , comer em excesso. MOSQUITO: do espanhol mosquito, diminutivo de mosca, menor e mais ágil do que a mosca.
Que se aboletou nesse galho!	ABOLETOU: tem o sentido de acomodar-se, segundo o Houaiss. Significa ainda angustiado, apreensivo, receoso.

Quadro 1: Trabalhando os dados: Explicitação de sentidos

Fonte: Os autores

5 Produzindo um diálogo pensante com a poesia

Ao pensar a linguagem, Heidegger nos lembra (2003, p. 9) que “é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, “na sua fala e não na nossa”. Dessa forma, enquanto para as análises desenvolvidas os pesquisadores preocuparam-se primeiramente em buscar no léxico os sentidos e a raiz etimológica dos termos destacados, na sequência a preocupação foi dar uma ordenação proposicional ao texto poético, que assim se organiza:

(Efeito) Um grande galho do velho carvalho (eixo do mundo) partiu-se com forte estrondo (vibrando/tumultuando), o que causou a aflição do mosquito (efeito) provocando-lhe angústia e medo.

Observe-se que o poema só nos traz uma situação, sem citar onde e quando. Ora, trata-se de um poema, uma imaginação poética, e poetizando imagina-se algo que poderia existir realmente e se representa isso numa imagem. É a imaginação que se exprime na fala do poema (HEIDEGGER, 2003, p. 9). Nossa intenção é estabelecer um diálogo pensante com a poesia, para o que Heidegger nos lembra (2003, p. 9): “é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, *na sua fala e não na nossa*”.

Mas o que é interpretar?

Por fim, interpretar um texto significa ainda compreender-se diante do texto, ou seja, viver a experiência de distanciamento que o texto impõe, e a de apropriação que ele permite. [...] De um texto importa apropriar-se do seu sentido e do seu poder referencial, isto é, do poder de desvelar um mundo, um mundo possível de olhar para as coisas (MELO, 2010, p.6).

Nessa intencionalidade perguntamos pelos sentidos que a fala poética traz ao mundo, para o que interrogamos: *qual o ser deste ser que se mostra como um mosquito aboletado em um galho de carvalho?*

O poema nos fala dos seres humanos que habitam um mundo; diz especificamente de um ser que se mostra na sua dimensão ôntico/ontológica (veja-se o destaque ao raio que partiu o velho galho do velho carvalho representante dos deuses na Terra). Fala da corporeidade de um corpo encarnado (mosquito), cuja presença concreta poderá se dar como um aprisionamento do ser no mundo – como um todo, nós, o ninguém, o alienado –, ou como um ser que se humanize, materializando-se no movimento intencional de transcendência ou de superação do *status quo*.

O corpo revela seu estatuto ôntico ao ser apresentado numa aparência disforme (o mosquito, pequeno e obeso), imobilizado pelo medo que lhe causa aflição.

Mas o que provocou esse efeito?

Um galho do forte carvalho partiu-se com grande estrondo. Ora, o que liga os mortais aos deuses? O eixo do mundo, que, no poema, simboliza a relação dos seres humanos com os deuses: os carvalhos atraíam os raios, e os deuses tinham o controle dos trovões e das tempestades.

Observe-se que o termo aflição denota também ansiedade, preocupação, angústia, características humanas com forte conotação na filosofia heideggeriana. Lembramos que é pelo “estado de queda” que o ser é suscitado a ultrapassar a condição de alienação e aderência ao mundo e a situar-se no horizonte da libertação, ao quebrar as amarras da tradição, não no sentido de condenar o passado, mas no sentido de reconhecê-lo e, no processo de ver-se como um ser histórico e finito, ser capaz de projetar possibilidades, transferir. Destacamos aqui que a angústia é um termo forte no âmbito da analítica existencial heideggeriana que merece estudo à parte.

Nesse ponto, nos parece que a poesia identifica-se tanto com a filosofia quanto com nossa proposta de romper com qualquer automatismo interpretativo, a fim de provocar o diálogo pensante entre saberes. Por isso mesmo, essa forma transacional de dialogar se faz um grande campo para análise e compreensão do mundo humano.

Referências

BELINKY, T. **Limeriques das causas e efeitos**. Ilustrações de Andrés Sandoval. São Paulo: Nova América, 2007.

ESPÓSITO, V. H. C. Os processos perceptivos e a linguagem pedagógico-matemática In: BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. **Formação de Educadores**: pesquisas e estudos qualitativos. São Paulo: Olho d'Água, 1999, p. 75-93.

ESPÓSITO, V. H. C. **Construindo o conhecimento da criança/adulto**. Uma perspectiva interdisciplinar. São Paulo: Martinari, 2006.

CARMO JUNIOR. Motricidade e a corporeidade humana na experiência filosófica. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 16, n. 155, abril 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd155/motricidade-humana-na-experiencia-filosofica.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

GAI, D. N.; FERRAZ, W. (Org.). **Parafernálias**: a diferença, arte e educação. Porto Alegre: INDEPINI, 2003.

GOMES, F. de M. As epistemologias do sul de Boaventura de Souza Santos. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/viewFile/3749/3357>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

INFOPÉDIA. **Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico** (on line). Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$carvalho-\(simbologia\)](http://www.infopedia.pt/$carvalho-(simbologia))>. Acesso em: 26 maio 2015.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: Educação como poíesis. Organização de Vitória Helena Cunha Espósito. São Paulo: Cortez, 1992.

MELO, M. L. de A. Análise de trajetória metodológica de pesquisa instruída pela abordagem fenomenológico-hermenêutica de Paul Ricoeur. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 4, 2010, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2010, p. 1-10.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NUNES, B. Natureza Humana - Heidegger e a poesia. **PEPSIC- Periódicos eletrônicos em Psicologia**, v.2, n.1, p. 103-127, jun. 2000.

NÓBREGA, F. O menino maluquinho - Uma leitura a serviço da leitura. **Teoria e Prática**. Revista semestral da Associação de Leitura do Brasil (ABL), ano I, n. zero, p. 24-32, nov. 1982.

NÓBREGA, T. P. **Merleau-Ponty, o filósofo, o corpo e o mundo de toda gente**. UNICAMP/MEC-FAE: Mercado Aberto, 1º impressão, jul. 1985.

PRIBERAM. **Dicionário de Língua Portuguesa** (on-line), 2003-2013. Disponível em:<<http://www.priberam.pt/dlpo/aflito>>. Acesso em: 26 maio 2015.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.

SANTOS, S. **Educação da sensibilidade**. 2013. Trabalho de Iniciação Científica – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.

SÉRGIO, M. **Motricidade Humana**: contribuições para um paradigma emergente. Lisboa: Instituto Piaget [sd].

ZANELLO, V. A linguagem poética em Heidegger. **Revista Educação e Filosofia**, v. 18, n. 35/36, p.279-310, jan/dez. 2004.